



vária invenção

suplemento de artes da revista landa

#1



Nós dois, juntos

artur de vargas giorgi

Nós dois, juntos

artur de vargas giorqi

texto: ana chiara

Imágenes:
Artur de Vargas Giorgi
Texto:
Ana Chiara
Arte y diagramación:
Gastón Cosentino / Juliana Monroy Ortiz
Editor do suplemento de artes:
Gastón Cosentino
número 1
issn: 23165847



C O N T E Ú D O

Nós dois, juntos: breve ensaio sobre série de trabalhos visuais de Artur de Vargas Giorgi, por Ana Chiarapp.6-9

O B R A S

Nós dois, juntos (caneta hidrográfica e aquarela sobre papel, 2018)p. 10
Far I (série fotográfica, 2015-2016)p. 12
Far II (série fotográfica, 2015-2016)p. 14
Far III (série fotográfica, 2015-2016)p. 16
Far IV (série fotográfica, 2015-2016)p. 18
Far V (série fotográfica, 2015-2016)p. 20
globo da morte de tudo, capítulo 4 (colagem, 2014)pp. 22-23
globo da morte de tudo, capítulo 7 (colagem, 2014)pp. 24-25
carta (colagem e caneta hidrográfica sobre papel, 2013)pp. 26-27
ensaio I (desenho a lápis, 2013)pp. 28-29
ensaio II (desenho a lápis, 2013)pp. 30-31
ensaio III (desenho a lápis, 2013)pp. 32-33
me encanta dançar com você (desenho a lápis, 2013)pp. 34-35
autorretrato cruzando as pernas (nanquim sobre papel, 2012)pp. 36-37
todos os abraços do mundo, I (série fotográfica, 2012)pp. 38-39
todos os abraços do mundo, II (série fotográfica, 2012)pp. 40-41
todos os abraços do mundo, III (série fotográfica, 2012)pp. 42-43
todos os abraços do mundo, IV (série fotográfica, 2012)pp. 44-45
todos os abraços do mundo, V (série fotográfica, 2012)pp. 46-47
todos os abraços do mundo, VI (série fotográfica, 2012)pp. 48-49
todos os abraços do mundo, VII (série fotográfica, 2012)pp. 50-51
todos os abraços do mundo, VIII (série fotográfica, 2012)pp. 52-53
todos os abraços do mundo, IX (série fotográfica, 2012)pp. 54-55
todos os abraços do mundo, X (série fotográfica, 2012)pp. 56-57

*Nós
dois,
juntos:*

breve ensaio
sobre série de
trabalhos visuais de
Artur de Vargas Giorgi

Ana Chiara*

*Profa. Associada de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

outra (de um trabalho a outro), o fio se ata fracamente e se rompe. São exercícios para a desorientação. Esquivança de amantes, perseguições impossíveis, a falta de ar correndo atrás do abraço. São afetos expostos em fraturas, são tocantes, são tácteis, falam ao olho, à mão, ao nariz e à boca; são objetos recolhidos no refúgio do cotidiano, são uma poética dos restos, balbuciando frases; não articulam uma linguagem, falam de relance. Querem esvaziar-se da linguagem das “línguas cansadas” para acatamento das pulsações, do caráter intermitente da vida sensível, como o artista escreve em seu *blog* (no contexto de uma crítica que flerta com a ficção, tecendo comentários a trabalhos da artista Cristiane Lindner):

[...] com sua força frágil, com seu débil insistir, a intermitência desfaz a essência, a vida sensível – isto é, ao menos deste modo em que a vida pode ser entendida ou ficcionalizada – se *a-presente* por meio de pulsações, repetições, cintilações, ritmos indomesticáveis de aparecimento e desaparecimento, enfim, isso apenas reforça um pensamento não essencialista da existência².

Estes corpos (quaisquer corpos, ou materialidades, usados por Giorgi) convocam a nossa empatia. Nosso *pathos*, nossas paixões migram para eles e são devolvidas a nós de forma cruel, sem soluções ou chaves decifratórias. Ao contrário de mensagens, ressoam balbucios, tartamudeios, isolados como ilhas em lagos de silêncio. Corpos mortos a que poderemos emprestar nossa vida ou não. Diante de cada “quadro” a ser olhado, sentiremos alucinatoriamente, como proposto

2 O nome do blog é retirado, aliás, de um verso de Drummond: do poema “Economia dos mares terrestres”, em *A rosa do povo*. Disponível em: <<http://contemplacaometodicadamosca.blogspot.com>>. Último acesso: 2 jun. 2019.

no trabalho de Duchamp “*To Be Looked at (from the Other Side of the Glass) with One Eye, Close to, for Almost an Hour*” (Buenos Aires, 1918), nosso olhar vaziar um vidro espelhado e olhar-nos de volta com o gesto humano de apontar as coisas, de tomar o mundo para si, de transformar o mundo (isso, a arte) fazendo do lixo o luxo, do resto, o que fica.

No *blog* do artista – *contemplação metódica da mosca* –, a temporalidade “emula um dia-a-dia, num curto intervalo, mas que na verdade se estende por anos”, como relata Giorgi, de 2012 até 2019, como um dia alongado cujo tempo explodisse com as marcas de passado e futuro; trata-se da “agoridade”, conceito de Octávio Paz, ou ainda do *agora* de Walter Benjamin, “desde el que es posible des-atar el pasado amarrado por la pseudo-continuidad de la historia, y desde él construir futuro”³. O *blog* funciona como um laboratório ou caderno de artista; aliás, pequenos cadernos são suportes para alguns dos desenhos ali fotografados; e onde se leria o perfil do artista (em “visualizar meu perfil completo”), uma só informação, como à deriva: Desterro. Reivindicação do antigo nome da Ilha de Santa Catarina – e não “Florianoópolis” –, onde hoje mora. Mas também cenário e alegoria de um aspecto desolado e todavia potente da contemporaneidade, o do artista desterrado. O sem-lugar num não-lugar, fora da lógica do mercado, a dádiva absoluta da vida à contemplação metódica do voo da mosca.

Contemplação metódica a que somos convocados pelos ca-

3 MARTIN-BARBERO. “Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memoria”. In: ARTE LATINA. *Cultura, globalização e identidades*. Org. Buarque de Hollanda, Heloísa et. al. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 139-169.

pítulos 4 e 7 de *o globo da morte de tudo*. A ilusão de verdade será traduzida, por Nietzsche, com a bela metáfora da mosca que voeja no vazio, mas carrega em si a arrogância dos detentores da ilusão de verdade: “Mas se nos pudessemos entender com a mosca, conviríamos que também ela evolui no ar com o mesmo *pathos* e sente voar nela o centro deste mundo”⁴. A mosca perfaz, com seu voo, a ideia de volatilização da verdade. Giorgi acompanha de forma metódica essa rarefação de certezas; trabalha com mutilações, recortes de pequenas frases, palavras soltas, gráficos, imagens, compondo seções esdrúxulas de livros científicos ou fluxos administrativos; didática pelo avesso, pequena amostra de um *arquivo anárquico* de tudo, inclusivo, desordenado, alucinando a história e dialogando, ainda, com o trabalho homônimo de Nuno Ramos e Eduardo Climachauska, que pode ser descrito como:

[...] dois globos de aço sobrepostos e unidos por um ponto, “formando um oito tombado, o símbolo do infinito”, conectados a quatro paredes de prateleiras de aço, com seis metros de altura [...] nas quais serão depositados mais de 1.500 objetos, comprados, coletados e doados por amigos e conhecidos ao longo do processo de criação⁵.

Somos convocados ao rito da des-aprendizagem, da desposseção, do delivramento (no sentido obstetrício), ficamos vazios como os restos de sacos plásticos tocados pelo vento de seu outro trabalho composto por fotografias de plásticos em meio a terrenos baldios. A solidão, o pasmo, o estupor se

4 NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo*. Trad. Ana Lobo. Porto: Rés, 1984, p. 89.

5 Cf. <<http://www.nunoramos.com.br/>>. Também: <<http://www.infoartsp.com.br/agenda/o-globo-da-morte-de-tudo/>>. Último acesso: 2 jun. 2019.

apresentam como se fossem o nosso rosto desfigurado. Estaremos, conforme Hilda Hilst, no centro de um nada, pois quase nada há à volta, só o vento fazendo com que o plástico de *todos os abraços do mundo* (série de dez fotos) dance sua dança macabra, movido por esse sopro, na grama verde, na água meio turva, na vegetação crestada, na quase ausência de delimitações, de fundo, no limite das paisagens humanas.

A mutilação é uma experiência recorrente nestes trabalhos. Desenhos de corpos jacentes recordando sacrifícios ou crucificações, talvez. Um corpo jogado num degrau (soleira?; sarjeta?), Cristo, Tiradentes, um abandonado qualquer suportam o peso das coisas com uma carga dramática que, sendo concisa, não reforça o teatro, mas sim expõe as cenas como repetições do desastre, como na série *ensaio*, composta de três desenhos a lápis. Pernas tragadas num abismo, como em *me encanta dançar com você*, provocam efeitos de perplexidade. Corpos esmagados, mutilados são breves anúncios de um destino comum. Compõem a pequena série que – o próprio Giorgi explica, novamente através do diálogo com os trabalhos de Cristiane Lindner – pode ser lida “em *constelação* com os demais documentos”; constelação que “aponta, talvez, para uma sorte de eterno retorno, para o que insiste na história ou contra ela – entre a violência do ‘progresso’ e a necessidade de reparação – e toca intimamente os corpos, as existências”⁶.

O que no corpo dói, o que lateja, pulsa, molha, espirra, esguicha, queima, arde no corpo, sofre, invade, sai do corpo, entra no corpo? O que no corpo diz

6 Disponível em: <<http://con-templaçaoemeticadamosca.blogspot.com>>. Último acesso: 2 jun. 2019.

mais do que as palavras, tentando unir desajeitadamente essas frações, o que se presentifica (aparece) nas suas ausências, nos seus buracos, seus vazios e está exposto de forma incômoda e insolúvel. Os corpos que Giorgi reúne nestas séries são recados em cápsulas.

O tema da cabeça e da degola vem, por ventura, de afinidades eletivas com o movimento acéfalo de Georges Bataille, recusa da dominância logocêntrica. Nietzsche coça a orelha de Artur de Vargas Giorgi com conselhos: “ideias fundamentalistas ancoradas na unidade-quadam/ ideias expostas como substâncias vistas como redondas-fechadas-absolutas – profundas quadam”⁷. Cai por terra o pensamento da totalidade, da substância. Na série *far* (cinco fotos), uma cabeça de boneca surge enterrada em ocos, como degolada. Ao contrário do acéfalo, esta corujinha sem corpo nos assombra com o excesso de vitalidade das cabeças cortadas; ela foi empurrada para o oco – *very far from* – do mundo reconhecível das fotos de bonecas ou de árvores; transforma-se nesses pequenos seres, sereiazinhas, girinos, cavalos marinhos, seres incompletos moram lá longe – *live there far* –, nos contos de horror; estão nos mundos de dentro, como um parto interrompido, atravessados por ecos nos ocos de árvores, os segredos da infância, estão longe do dentro e do fora – *very far from home* –, longe como um adeus ao corpo da mãe – *far east, far off, far out, far flung* –; são como pequenas medusas, são o assombramento, a pergunta que bate e volta de longe – *farewell*. O adeus irremediável

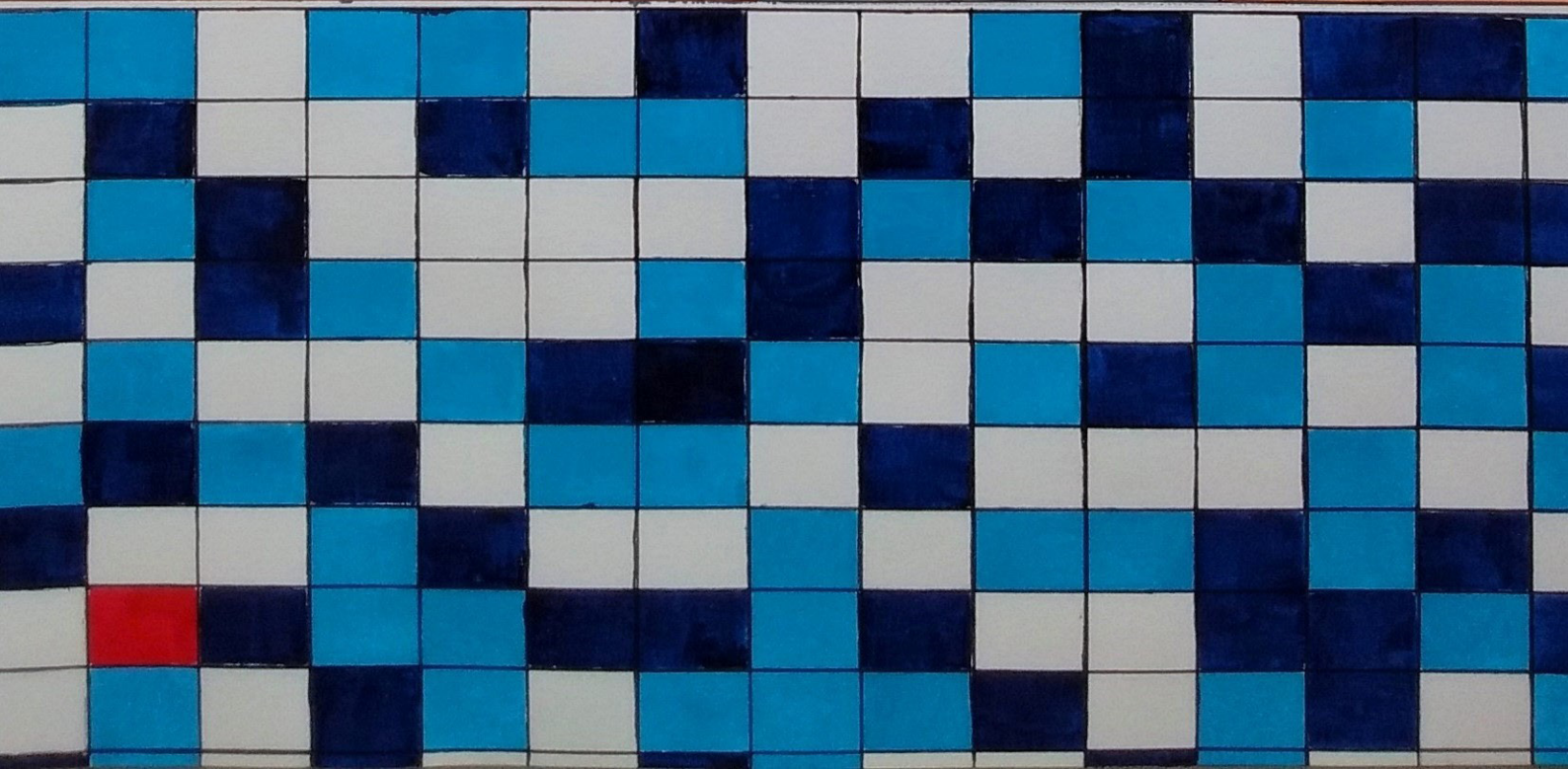
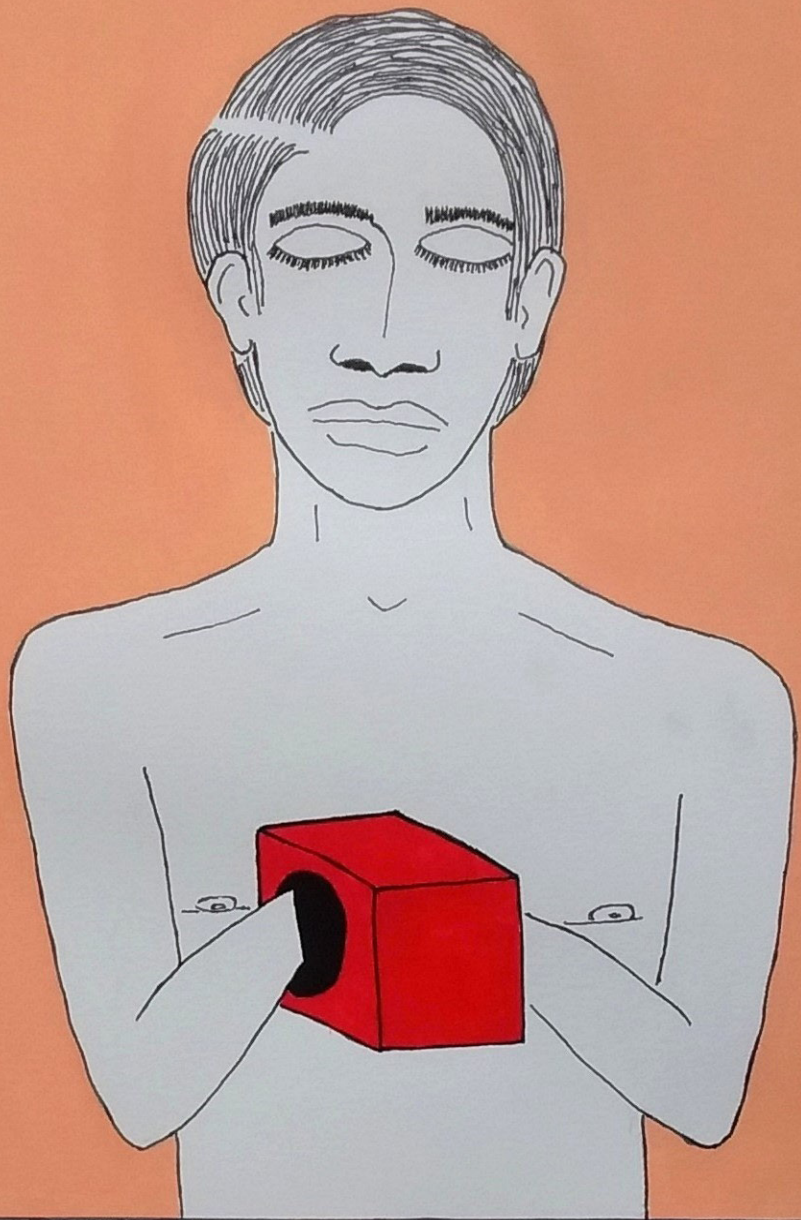
do parto malfeito que é a despedida do ninho, da árvore-mãe.

O adeus desterra o sujeito, deslocando-o de suas referências. Artur de Vargas Giorgi faz uma série de trabalhos que denominou *autorretratos* ou *autobiografias*. São, na maioria, desenhos em grafite. Alguns trazem o esqueleto exposto, outro a boca aberta: são figuras boiando no vazio, com títulos ou frases de caráter lírico. Com estes autorretratos, Giorgi parece elidir toda história ou identificação subjetiva, contrariando as autobiografias ou autoficções narcísicas. São formas emblemáticas de um corpo masculino que parece vaziar de si mesmo, como em *autorretrato cruzando as pernas*, no qual a figura encontra-se heráldica e desconfortavelmente sentada à espera de que algo a encontre, venha a seu encontro. Ou autorretratos da impotência, como *nós dois, juntos* cujo convite encontra-se barrado pela impotência das mãos presas numa caixa. O convite para o compartilhamento deverá vencer essa dificuldade humana e contemporânea de estender as mãos.

Neste conjunto de trabalhos, Giorgi nos envia uma *carta*. Trabalho com que encerro as impressões sobre essa arte do envio que parece ser o caminho percorrido pelo artista. Aquilo que nos entrega, a respiração meio sufocada, os batimentos do coração, os leves toques que compõem, para usar o título de um pequeno livro do filósofo Jacques Rancière, a “partilha do sensível”. Aceitar o convite compete ao destinatário dessa carta.

7 CORRÊA DOS SANTOS, Roberto. *Cérebro-Occidente/ Cérebro-Brasil. Arte-escrita-vida – pensamento-clínica-tratos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora Circuito; Faperj, 2015, p. 94.

nós dois, juntos
(caneta hidrográfica e aquarela sobre papel,
2018)



far

I

(série fotográfica, 2015-2016)



far
II



FAR

far
III



Lara

far
IV

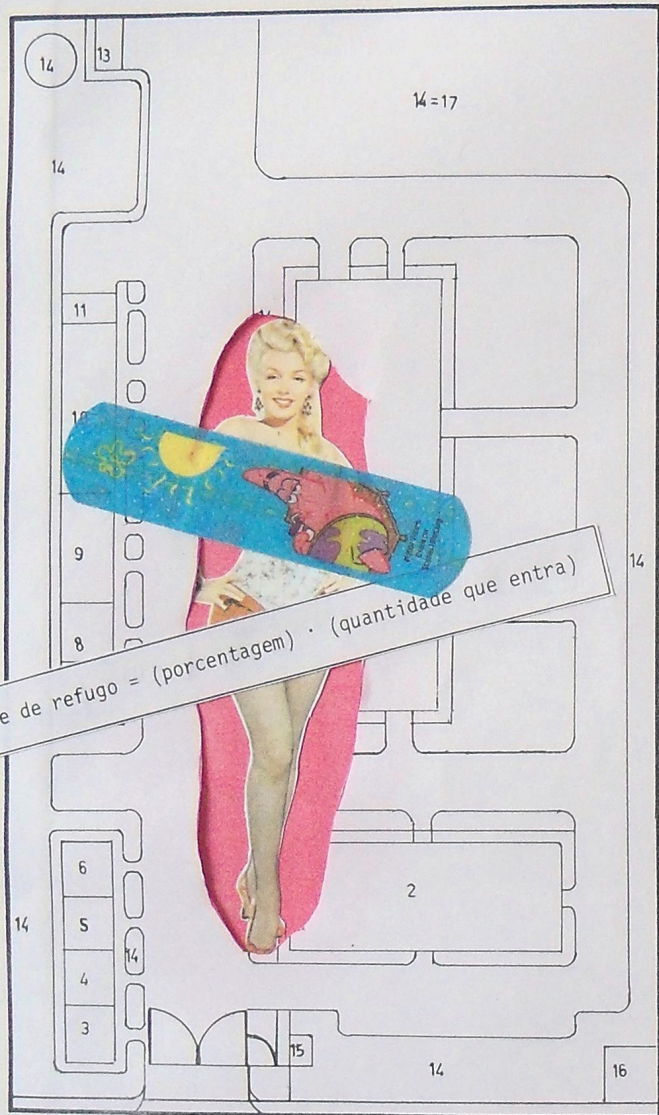


FAR

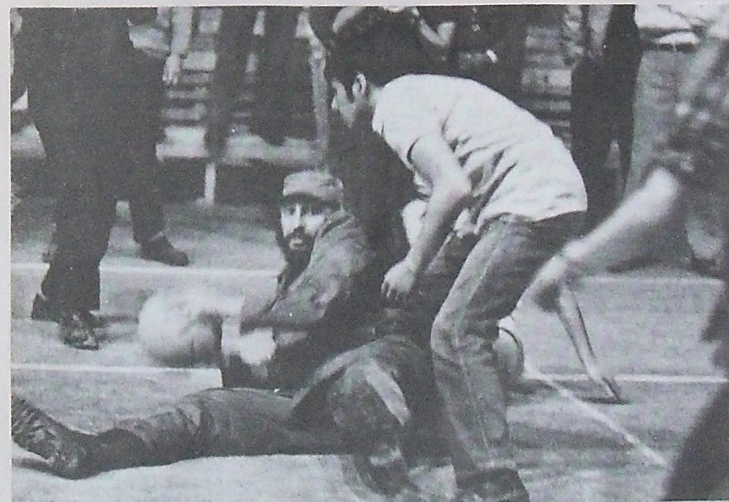
far
V



globo da morte de tudo,
capítulo 4
(colagem, 2014)

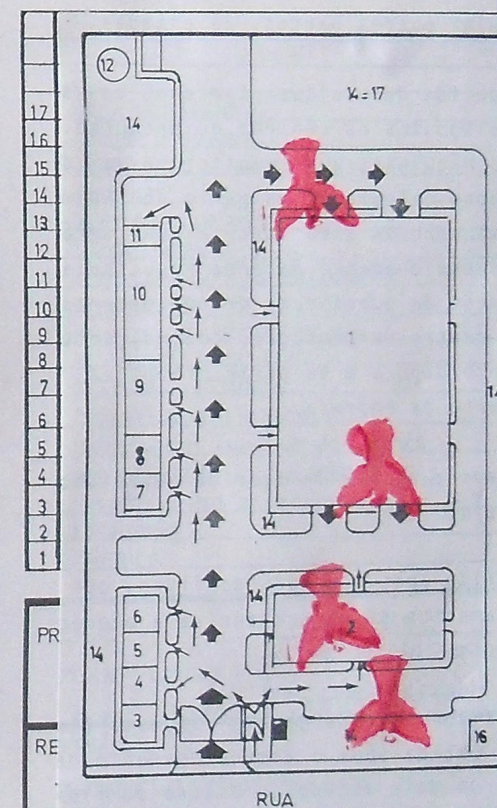


RUA



$$TU(1,1) = 0,00005$$

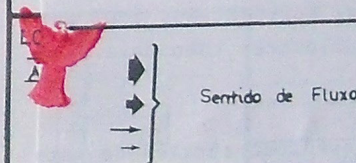
13.4. FLUXO A NÍVEL DE EMPRESA



PR

RE

RUA



principios

FASE 1 A SER CONSTRUÍDA

capítulo 4

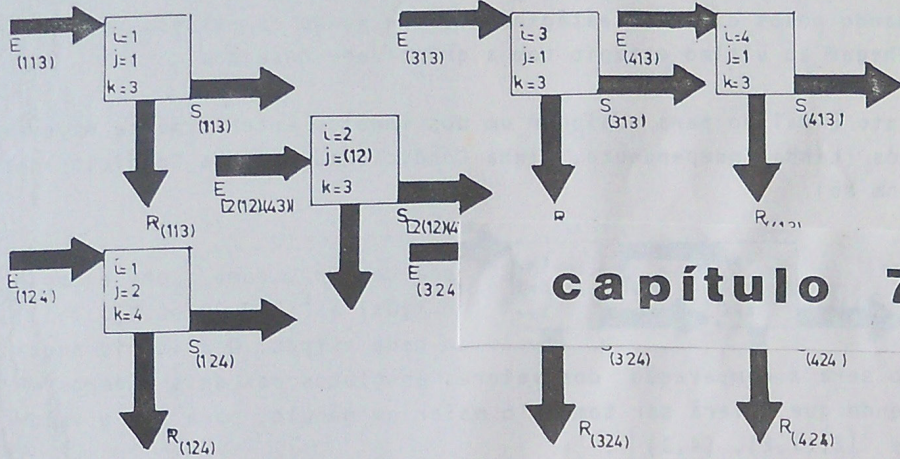
globo da morte de tudo,
capítulo 7
(colagem, 2014)

c) Linha condicionada com nó

Operação (X) $X = [i|l \in 1|k|l < 4 \wedge i \in \mathbb{N}]$

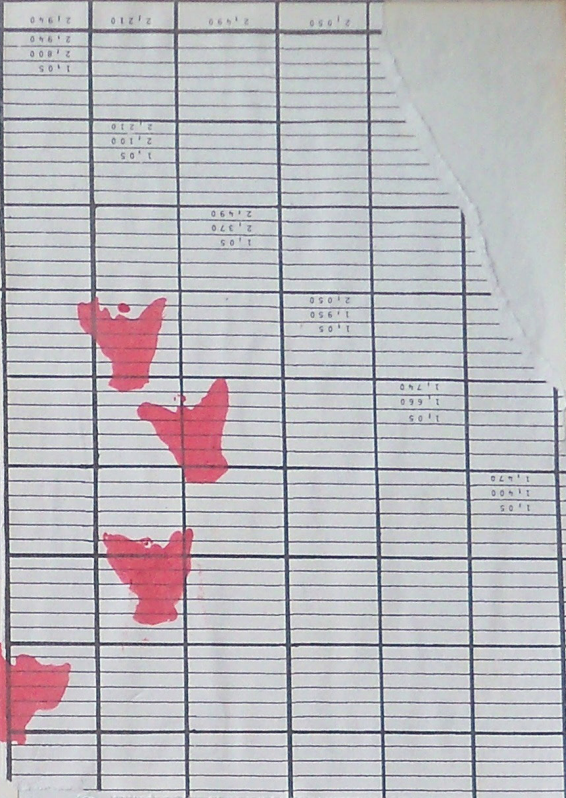
Peça (Y) $Y = [j|j \in 1|k|j < 2 \vee j=1 \wedge j \in \mathbb{N}]$

Produto (Z) $Z = [k|k \vee (k,k+1) \in 3|(k < 4 \wedge k \in \mathbb{N})]$



capítulo 7

prod.	peça	oper.	fórmula	descrição
4	2	4	$E_{(4,2,4)} = \frac{S_{(4,2,4)}}{\Phi_{(4,2,4)}}$	$S_{(4,2,4)}=1$
3	1	4	$E_{(3,1,4)} = \frac{S_{(4,1,3)}}{\Phi_{(4,1,3)}}$	$S_{(4,1,3)}=1$
4	2	3	$E_{(3,2,4)} = \frac{S_{(4,2,4)}}{\Phi_{(3,2,4)} \Phi_{(4,2,4)}}$	$S_{(3,2,4)} = E_{(4,2,4)}$
3	1	3	$E_{(3,1,3)} = \frac{S_{(4,1,3)}}{\Phi_{(3,1,3)} \Phi_{(4,1,3)}}$	$S_{(3,1,3)} = E_{(4,1,3)}$
4(3)	(12)	2	$E_{(2,12,4,3)} = \frac{S_{(4,2,4)}}{\Phi_{(2,12,4,3)} \Phi_{(3,2,4)} \Phi_{(4,2,4)}}$	$S_{(2,12,4,3)} = E_{(3,2,4)}$
			$E_{(2,12,4,3)} = \frac{S_{(4,1,3)}}{\Phi_{(2,12,4,3)} \Phi_{(3,1,3)} \Phi_{(4,1,3)}}$	$S_{(2,12,4,3)} = E_{(3,1,3)}$
4	2	1	$E_{(1,1,3)} = \frac{S_{(4,2,4)}}{\Phi_{(1,1,3)} \Phi_{(2,12,4,3)} \Phi_{(3,2,4)} \Phi_{(4,2,4)}}$	$S_{(4,2,4)} = E_{(2,12,4,3)}$
			$E_{(1,1,3)} = \frac{S_{(4,1,3)}}{\Phi_{(1,1,3)} \Phi_{(2,12,4,3)} \Phi_{(3,1,3)} \Phi_{(4,1,3)}}$	$S_{(1,1,3)} = E_{(2,12,4,3)}$
3	1	1	$E_{(1,2,4)} = \frac{S_{(4,2,4)}}{\Phi_{(1,2,4)} \Phi_{(2,12,4,3)} \Phi_{(3,2,4)} \Phi_{(4,2,4)}}$	$S_{(1,2,4)} = E_{(2,12,4,3)}$
			$E_{(1,2,4)} = \frac{S_{(4,1,3)}}{\Phi_{(1,2,4)} \Phi_{(2,12,4,3)} \Phi_{(3,1,3)} \Phi_{(4,1,3)}}$	$S_{(1,2,4)} = E_{(2,12,4,3)}$



$$STU(x.y.z) = \sum_i \sum_j \sum_k (Qt.P)_{(i,j,k)} \cdot E_{TU(i,j,k)}$$

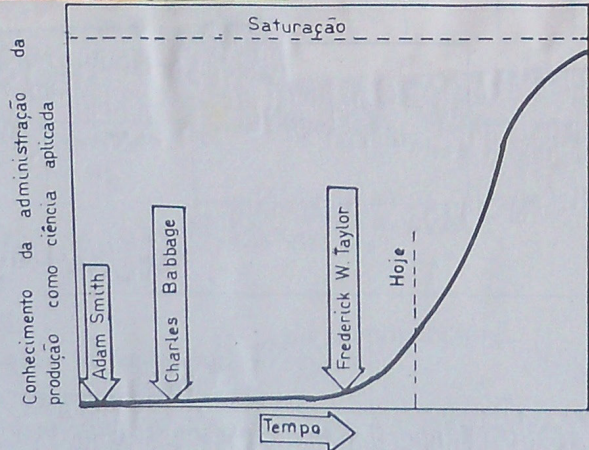
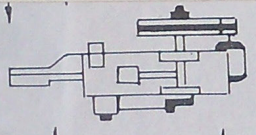


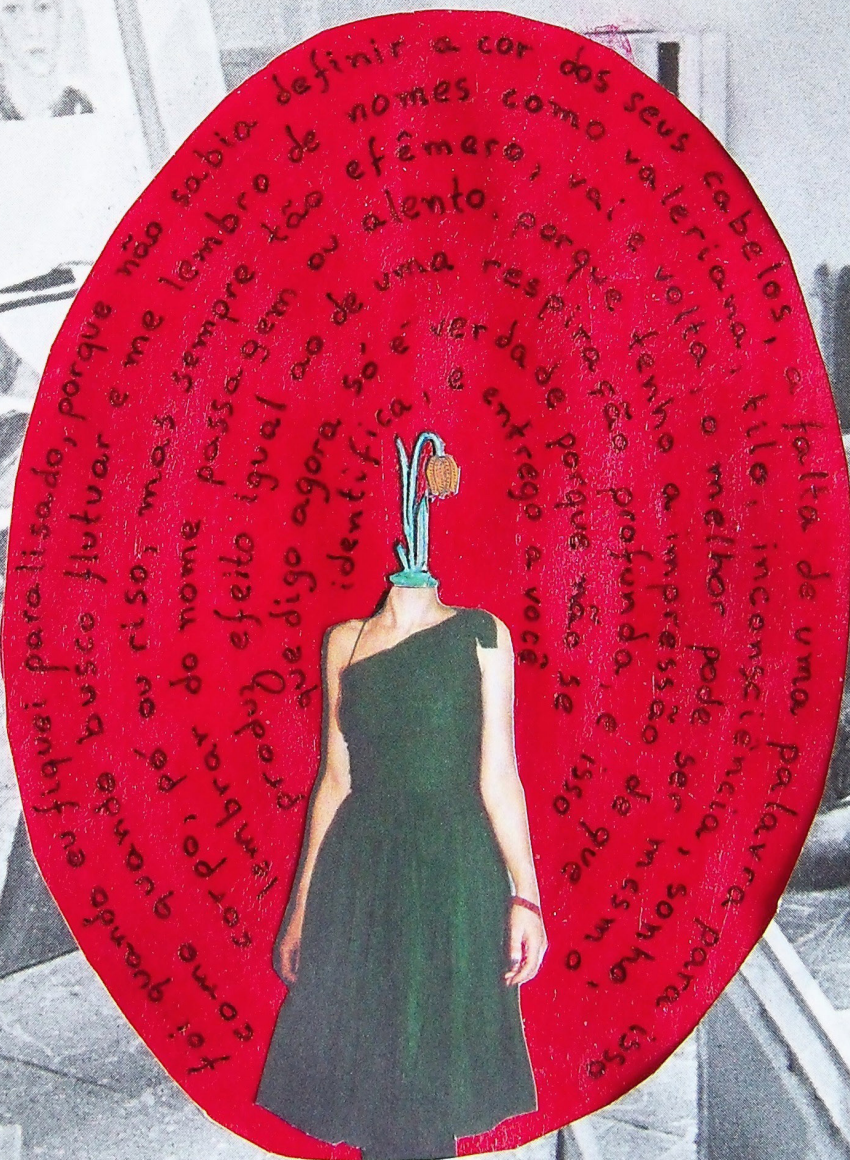
Fig.1 Curva de Crescimento do Conhecimento da Administração da Produção , considerada como Ciência Aplicada.¹

¹ Reprodução de figura do *Modern Production Management*, de Elwoods Buffa



carta
(colagem e caneta hidrográfica sobre papel,
2013)

para que também passe adiante,
inevitavelmente aconteceria,
lembro quando você colocou
a mão em meu rosto pela pri-
meira vez, eu tinha gosto de su-
co de manga na boca e respira-
va uma urgência desconhecida
e me encontrava aí, tão estranho



foi quando eu fui paralisado, porque não sabia definir a cor dos seus cabelos, a falta de uma palavra para isso
busco flutuar e me lembro de nomes como valeriana, filiz, incoscência
por, pois, mas sempre tão efêmero, vai e volta
do nome passagem ou alento, porque tenho a impressão de ser, sonho
efeito igual ao de uma respiração profunda, e isso
Que digo agora só é verdade porque não se
identifica, e entrega a você

ensaio

I

(desenho a lápis, 2013)

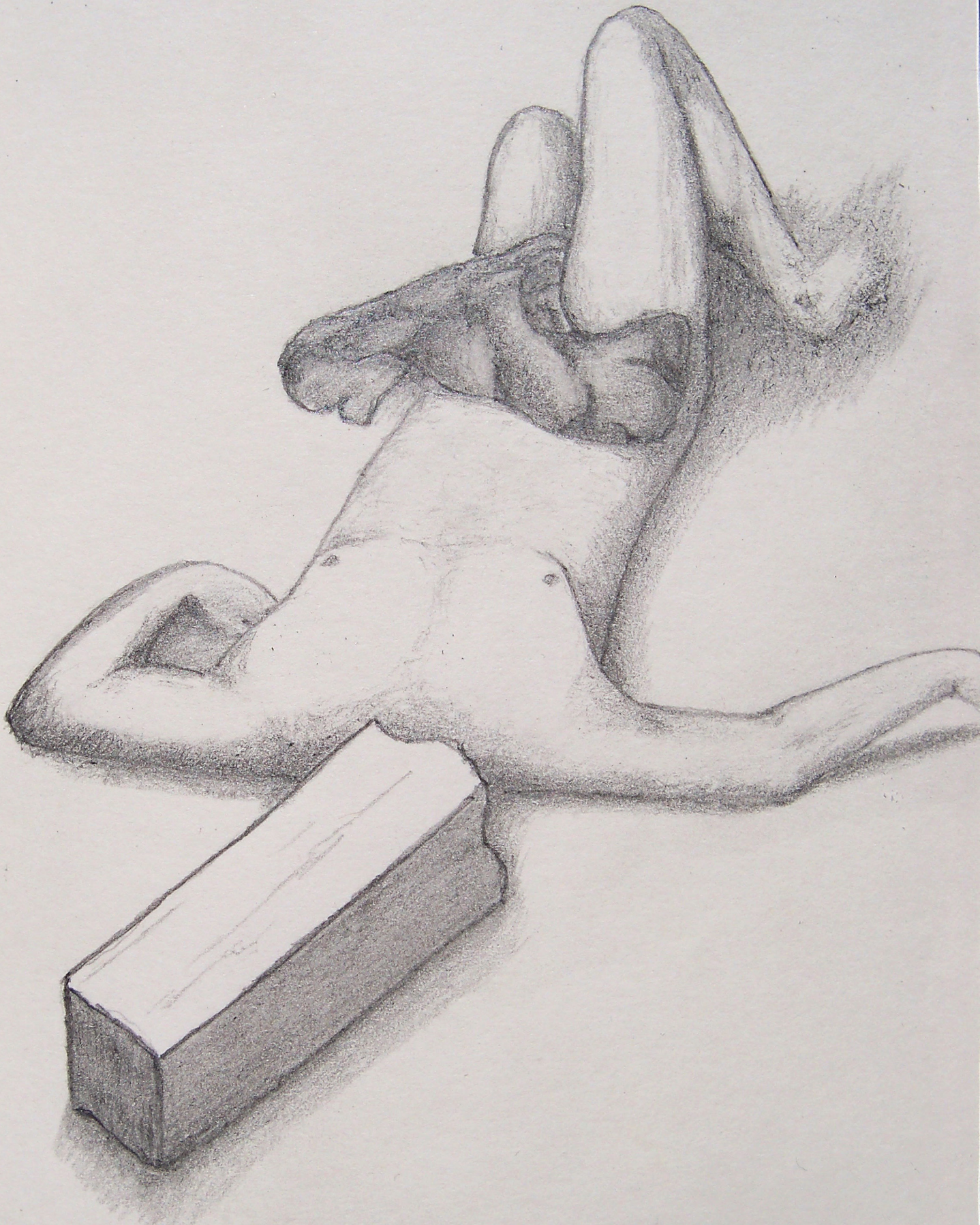


ensaio —

ensaio

II

(desenho a lápis, 2013)



ensaio -

ensaio
III
(desenho a lápis, 2013)



ensaio —

me encanta dançar com você
(desenho a lápis, 2013)



autorretrato cruzando as pernas
(nanquim sobre papel, 2012)



autorretrato
cruzando as pernas

todos os abraços do mundo,
I
(série fotográfica, 2012)



todos os abraços do mundo

II



todos os abraços do mundo

III



todos os abraços do mundo

IV



todos os abraços do mundo

V



todos os abraços do mundo

VI



todos os abraços do mundo

VII



todos os abraços do mundo

VIII



todos os abraços do mundo

IX



todos os abraços do mundo

X

